

QUANDO BRINCO, FAÇO ACONTECER: O BRINCAR NA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA

Julia Graziela dos Santos Bezerra¹

Adaci Estevam Ramalho Neto²

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade compreender a importância do brincar na visão do psicanalista inglês Donald W. Winnicott na psicoterapia com crianças. Para tal estudo utilizou-se de uma revisão sistemática no contexto amplo da sua teoria e principais conceitos. O texto aborda além da definição de brincadeira, aspectos referentes ao que o autor postula como objetos transicionais; o lugar e o tempo do brincar; a importância do brincar junto (paciente e terapeuta); dentre outros destaques de sua obra. De modo geral, foram encontrados diversos estudos sobre o que se propôs investigar, podendo assim, contribuir para a realização deste artigo e consequentemente servir de base para estudos futuros. Por fim, em sua análise, ressalta-se a complexidade do brincar em diferentes fontes teóricas, bem como considerou-se ao final, a necessidade ainda existente de aprofundar-se na dimensão que Winnicott aborda em seus escritos.

PALAVRAS-CHAVE: Brincar. Psicoterapia. Crianças. Winnicott.

ABSTRACT: The present article has the purpose of understanding the importance of playing in the vision of the English psychoanalyst Donald W. Winnicott, in psychotherapy with children. For this study was used a systematic review in the broad context of his theory and main concepts. The text discusses the play definition and also aspects about author postulates like transitional objects; the place and time of playing; the importance of playing together (patient and therapist); among others highlights of his work. In general, were found several studies about what was proposed to look into, contributing with the realization of this and consequently providing basis for future studies. Finally, in its analysis, the study enhances the complexity of playing in different theoretical sources, as well as at the end considered the still existing need of deepen in the dimension that Winnicott discusses in his writings.

KEYWORDS: Play, Psychotherapy, Children, Winnicott.

¹ Mestrando em Ciências da Educação, pela World University Ecumenical; Pós-graduada em Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica (2021) e Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar pela Faculdade Sucesso- FACSU (2020); Pós-graduanda em andamento em Tutoria em Educação a Distância, Faculdade Sucesso (FACSU). Bacharela em Psicologia pelas Faculdades Integradas de Patos - FIP, 2015. Docente dos cursos de Pedagogia e Serviço Social da Faculdade Sucesso (FACSU). E-mail para contato: juliagrazielasb@hotmail.com.

² Mestrando em Ciências da Educação, pela World University Ecumenical; Pós-graduado em Direito Civil e Processual Civil da Faculdade Sucesso (FACSU), Pós-graduado em Docência e gestão na educação à distância, pela ISCECAP. Pós-graduando em andamento em Tutoria em Educação a Distância, Faculdade Sucesso (FACSU). Pós-graduando em Docência no Ensino Superior (FACSU). Bacharel em Direito pelas Faculdades Integradas de Patos - FIP, 2013. Docente dos cursos de Pedagogia (EAD e presencial) e Serviço Social (EAD) da Faculdade Sucesso (FACSU). E-mail para contato: netoramalho.aern@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo compreender a importância do brincar para Winnicott. Trata-se de uma revisão sistemática a respeito da teoria do respectivo autor que coloca o brincar como um aspecto universal da natureza humana, ainda que nem todos estejam de posse dessa possibilidade.

Para o autor, o brincar é em si mesmo, psicoterápico (1968, p. 74), não propriamente por causa dos elementos simbólicos que veiculam ou expressam, mas pelo que realiza: “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem da sua liberdade de criação” (1971, p. 79).

Sabe-se que o brincar é algo natural e universal, entretanto, no decorrer dos anos, as brincadeiras vêm passando por transformações. Sendo esta, uma das importantes ferramentas nos primeiros anos de vida da criança, assim como na construção da sua identidade pessoal.

Neste sentido, será abordado o brincar, através de leitura sistemática, sendo de grande valia para estudos futuros, e de grande relevância para todos aqueles que despertarem o desejo de desvendar um pouco do misterioso mundo da brincadeira.

O trabalho foi fundamentado em artigos científicos, cujos descritores foram: Brincar, Psicoterapia, Psicologia, Winnicott. Encontrados em sites científicos que serão descritos, posteriormente, nos métodos. Bem como uma revisão literária do próprio autor que se pretende estudar. E por fim, serão encontradas as considerações finais.

O BRINCAR NA PERSPECTIVA DE WINNICOTT

A expressão *to play* da obra de Winnicott foi traduzida para o português como “brincar” e na perspectiva Winnicottiana não há diferenciação entre o brincar e jogar. Para ele a maneira de conceber o brincar não considera unicamente uma forma de expressar (sublimar) as pressões instintuais (Winnicott, 1968, p. 60). O autor apresenta sua compreensão do brincar como um desenvolvimento do que ocorre nos fenômenos transicionais (Winnicott, 1971, p. 79).

Estes fenômenos transicionais para ele se dão no instante em que o bebê começa a separar-se da sua mãe, onde utiliza no momento do desmame um objeto que possa

substituir essa mãe de alguma forma. Sendo este objeto, algo que lhe traz uma extensão da sua mãe, e que pode transferir-lhe segurança e conforto.

Relata Winnicott sobre o que precede a transicionalidade e a sustenta:

A mãe adapta-se as necessidades de seu bebê, que gradativamente se desenvolve em personalidade e caráter, e essa adaptação concede-lhe certa medida de fidedignidade. A experiência que o bebê tem dessa fidedignidade, durante certo período de tempo, origina nele, e na criança que cresce, um sentimento de confiança. A confiança do bebê na fidedignidade da mãe e, portanto, na de outras pessoas e coisas, torna possível uma separação do não-eu a partir do eu”. (Winnicott, 1971, p. 151)

O objeto transicional é um manejo que representa o período de transição do bebê para a construção da relação com algo externo e separado. Esse objeto é usado como se fosse a própria mãe. O objeto transicional é símbolo da mãe, substitui a mãe, mas no sentido específico de que o faz na presença da mãe (Winnicott, 1953, p. 19-20).

Os objetos transicionais unem e separam – simultaneamente – aquilo que é subjetivo daquilo que objetivamente percebido (Winnicott, 1953, p. 15). Mas o fazem de que forma? Por um lado, a criança cria o objeto, ou seja, e sua ação espontânea que dá valor e vida ao objeto. Por outro, a criança encontra o objeto que já preexiste no mundo exterior. Isso configura a situação paradoxal como algo que deve ser aceito e não resolvido (Winnicott, 1953, p. 27-28).

Esses objetos já preexistem, entretanto, o que o tornará uma extensão da mãe são os símbolos e a transferência que o bebê depositará no objeto. Nota-se que esse objeto afetivo é encontrado pela própria criança e a partir disto, a mesma desenvolve a simbologia ao qual ele representa.

Passando a ser a maneira como a criança representa o mundo a sua volta, de um estado em que não há distinção entre ela e o mundo para um estado em que ela se relaciona com um mundo que já não é meramente uma projeção dela. Confirmando o pensamento, afirma Winnicott quando diz que:

“Não é o objeto, naturalmente, que é transicional. Ele representa a transição do bebê de um estado em que este está fundido com a mãe para um estado em que estar em relação com ela como algo externo e separado”. (Winnicott, 1953, p. 30).

E é nesse ponto que o surge da capacidade do brincar, que é também, para Winnicott, uma maneira de o ser humano encontrar a si mesmo: “E no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)”

(Winnicott, 1971, p. 80). Mas, para que essa conquista aconteça, é necessário que a criança esteja em condições suficientemente boas em aspectos pessoais e ambientais.

A brincadeira, ou seja, a criatividade associada à construção e relação com objetos que estão, ao mesmo tempo, fora e dentro do indivíduo, objetos que guardam semelhança com a natureza dos objetos transicionais, são, para Winnicott (1971/1975, p. 147), o fundamento da vida cultural: “Para mim, o brincar conduz naturalmente à experiência cultural e, na verdade, constitui seu fundamento”.

Segundo Winnicott, há uma linha de desenvolvimento que vai dos objetos subjetivos aos objetos transicionais, destes para o brincar e o brincar compartilhado, desembocando na vida cultural. A respeito disso, esclarece Winnicott (1968/1975, p. 76): “Há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar ao brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais”.

A criança utiliza o brincar como linguagem para expressar suas alegrias, frustrações, habilidades e dificuldades. É a maneira encontrada para se expressar no mundo e comunicar a sua realidade interior. Expressando-se assim pelo “não dito”, consegue-se compreender a dinâmica da criança.

Ao brincar é necessário para a criança focar sua atenção na brincadeira e desenvolver a sua criatividade, curiosidade, autoconfiança, motivação, empatia, cooperação. Aprende a lidar com as frustrações, as regras, ganhar e perder nos jogos e outros conhecimentos e habilidades em relação ao seu comportamento necessário para o cotidiano.

Para o autor, o brincar tem um lugar e um tempo específico. Para dar um significado ao lugar do brincar, ele postulou a existência de um espaço potencial entre o bebê e a mãe. Espaço esse que de nenhuma maneira é estável. Ele vai sempre variar de acordo com as experiências de vida do bebê em relação à figura materna, e ainda em contraste o que descreve como espaço potencial (a) o mundo interno e (b) a realidade externa e concreta.

A mãe que consegue desenvolver esse processo é denominada por Winnicott (1963/1982) de *mãe suficientemente boa* e o ambiente propiciado por ela será denominado *ambiente facilitador*. Assim, Winnicott coloca o desenvolvimento humano como uma jornada cuja estrela guia é a independência jamais atingida, como o navegante que guia seu barco pela estrela sabendo que jamais a alcançará (Brett, 1998).

A QUE LUGAR PERTENCE O BRINCAR

O natural é o brincar e o fenômeno altamente aperfeiçoado do século XX é a psicanálise. Para o analista, não deixa de ser valioso que se lhe recorde constantemente não apenas aquilo que é devido a Freud, mas também o que devemos à coisa natural e universal que se chama brincar. (Winnicott, 1971/1975: p.63)

Winnicott se colocou numa posição de olhar mais de perto o brincar. Não focando apenas a atividade de setting terapêutico como algo passível de ser analisado e restrito a crianças, mas como algo que por si só já se torna terapêutico e que pode ser estendido a adultos. “A característica essencial do que desejo comunicar refere-se ao brincar como uma experiência, sempre criativa, uma experiência na continuidade espaço tempo, uma forma básica de viver” (Winnicott, 1971/1975 p:75).

Para ele, existe algo sobre o brincar que ainda não se encontra na literatura psicanalítica, porém, é possível descrever uma sequência de relacionamentos sobre o processo e examiná-los a que lugar pertence o brincar. De acordo com Winnicott (1991) primeiramente, o bebê e o objeto da brincadeira estão fundidos um no outro. A visão que o bebê tem do objeto é subjetiva e a mãe se orienta no sentido de tornar concreto aquilo que o bebê está pronto a encontrar.

Em um segundo momento, o objeto passa a ser repudiado, aceito de novo e objetivamente percebido, processo altamente dependente da mãe ou figura materna preparada para participar e desenvolver o que é abandonado. Isso significa que a mãe (ou parte dela) se acha num permanente oscilar entre ser o que o bebê tem capacidade de encontrar e (alternativamente) ser ela própria, aguardando ser encontrada. (Winnicott, 1991)

Posteriormente, chega-se no estágio em que a criança começa a ficar sozinha na presença de alguém. A criança está brincando agora com base na suposição de que a pessoa a quem ama e que, portanto, é digna de confiança, lhe dá segurança, estar disponível e permanece disponível quando é lembrada, após ter sido esquecida. Essa pessoa é sentida como se refletisse de volta o que acontece no brincar. (Winnicott, 1991)

Por fim, a criança, agora, está ficando pronta para o estágio seguinte, que é permitir e desfrutar de uma superposição de duas áreas de brincadeira. Em primeiro, é a mãe quem brinca com o bebê, mas com cuidado suficiente para não se ajustar às suas atividades lúdicas. Segundo, mais cedo ou mais tarde, introduz seu próprio brincar e descobre como é variável a capacidade dos bebês de aceitar ou não ideias que são próprias. Dessa maneira, estar preparado o caminho para um brincar. (Winnicott, 1991)

Segundo Fulgencio (2008) sendo o brincar o meio pelo qual se torna possível para o homem integrar aspectos dissociados dentro de si e possibilitar uma experiência de viver seu verdadeiro *self*, usufruindo da espontaneidade e da capacidade criativa, fica esclarecido por que ele afirma que seria somente através do brincar que o indivíduo poderia usufruir de sua personalidade de forma integral.

Também justifica o fato de que, para que a psicanálise ocorra, é preciso que o indivíduo, antes, seja capaz de brincar, pois é necessário que ele esteja pronto para ser criativo perante o velho problema e para integrar os aspectos dissociados de sua personalidade. Sem estas características do que aqui se apresenta por brincar, a psicanálise de fato, parece não poder ocorrer (Fulgencio, 2008).

A IMPORTÂNCIA DE BRINCAR JUNTO

A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é desenvolvido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que ele não é capaz de brincar para um estado em que o é (Winnicott, 1971/1975: p. 63).

Para Winnicott (1975), é somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e descobrir seu *self*. Além disso, é somente no brincar que é possível a comunicação. O autor considera que a psicanálise é uma “forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros” (Winnicott, 1975, p. 63).

Quando o paciente não é capaz de brincar, o terapeuta deve dirigir seu trabalho no sentido de levá-lo a conseguir brincar. Efetuada na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta, a psicoterapia implica que duas pessoas sejam capazes de

brincar juntas. Por si mesmo, o brincar é visto como uma terapia. No contexto da análise infantil, Winnicott sugere ao terapeuta de crianças que o espaço de brincar tenha maior importância do que o momento das “argutas interpretações” (Winnicott, 1975, p. 75).

Por isso, para Winnicott (1975) interpretar quando o paciente não tem capacidade para brincar simplesmente não é útil ou causa confusão: Minha descrição equivale a um pedido a todo terapeuta para que permita a manifestação da capacidade que o paciente tem de brincar, isto é, de ser criativo no trabalho analítico.

A criatividade do paciente pode ser facilmente frustrada por um terapeuta que saiba demais. Naturalmente, não importa, na realidade, quanto o terapeuta saiba, desde que possa ocultar esse conhecimento ou abster-se de anunciar o que sabe. (Winnicott, 1975, p. 83-84).

Para se fazer psicoterapia, principalmente ao se tratar de crianças e seu brincar, é necessário que todo processo seja espontâneo e que possa fluir com naturalidade. Winnicott, através de seus estudos, tem ainda a ensinar a sensibilidade e manejo ao ritmo da criança, respeitando seu tempo individual, sua subjetividade e seus símbolos.

METODOLOGIA

A pesquisa trata-se de uma revisão sistemática na perspectiva Winnicottiana sobre o brincar. Para a base do levantamento utilizou-se de buscas em sites nacionais que abarcassem assuntos relacionados ao brincar na perspectiva Winnicottiana, além de capítulos de livros que se referem e à temática proposta. Foram selecionados como fontes de pesquisa sites que possuem dados científicos, dentre eles: 1) *PsycInfo*, a base de dados *on-line* da *American Psychological Association* (APA); 2) Lilacs, índice da literatura científica e técnica da América Latina e Caribe; 3) Scielo Brasil, uma base de dados científicos eletrônica e 4) Google Acadêmico. E revisão da literatura cuja a bibliografia se encontram em nossas referencias. As palavras chaves usadas referiam-se a: Brincar; Psicologia; Psicoterapia e Winnicott. No total, foram encontrados 53 artigos, além da utilização de 10 capítulos de livros para a revisão literária. Entretanto, após análise, houve a necessidade de exclusão de 16 artigos, por não serem característicos do que aqui se pretendeu analisar e não havendo foco direcionado no brincar na visão do autor proposto a ser estudado. É importante ressaltar que todos os estudos e dados eletrônicos foram de

escritas brasileiras. Como critério de inclusão foram consideradas referencias que vão desde as escritas do próprio teórico, estendendo-se, por referências atuais que tenham uma visão acerca do brincar na relação terapêutica. Como critério de exclusão, publicações internacionais e artigos que não direcionassem aos estudos do brincar na relação terapêutica Winnicottiana. Lembrando que, esses manuscritos não generalizam todos os estudos existentes sobre o brincar, mas que é uma amostra significativa para o que aqui se pretendeu apresentar.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Sabe-se que o brincar é algo natural e que tem se tornado bastante discutido na atualidade. Diversos autores e estudiosos percorrem seus estudos ao longo do tempo entre técnicas e análises, a fim de, chegar ao resultado do que é o brincar.

Esta técnica é decorrência da descoberta de que brincar é uma atividade muito além da pura diversão e foi feita inicialmente por Freud (1920), ao observar seu neto de um ano e meio. Na brincadeira a criança mostra o quanto elabora a situação da separação da mãe jogando e trazendo de volta seu carretel infinita vezes encenando, assim, o seu desaparecimento e retorno, acompanhados da verbalização das palavras *Fort* e *da* – fora e aqui.

Com isto, Freud conclui que brincar é algo além do prazer, que é também satisfação e elaboração de vivências traumáticas; sua base está alicerçada no princípio do prazer e na transformação do que vive passivamente no domínio ativo dela por meio da repetição do jogo, acarretando também em aprendizagens importantes para a criança. (Freud, 1920)

“Isso constitui prova convincente de que, mesmo sob a dominância do princípio do prazer, há maneiras e meios suficientes para tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser rememorado e elaborado na mente.” (Freud, [1920], 1980, vol. XVIII, p. 20).

A primeira análise infantil foi realizada por Freud (1909) de maneira indireta; o pai da criança relatava seus sintomas, comportamentos, sonhos e verbalizações e Freud os analisava e orientava o pai a conversar com a criança, realizando desta forma o tratamento da fobia do menino – o *pequeno Hans*.

Melanie Klein, seguidora de Freud e grande contribuinte da psicanálise com crianças, na década de 20 desenvolveu um novo instrumento de trabalho: “a técnica do brincar” tornando-se assim, referência quando se trata de psicoterapia com crianças. Klein (1997), entretanto, defende a intensa expressão do mundo interno da criança por meio do brincar e vai à busca de compreender seu simbolismo.

“Quando brinca, a criança mais age do que fala. Ela coloca atos – que originalmente ocuparam o lugar de pensamentos – no lugar de palavras”. (Klein, 1997, p. 29).

Nota-se, entretanto, que a autora em seus estudos, enfatiza mais a interpretação, a criação do simbolismo e transferências, do que o próprio jogo. Para ela a transferência, positiva ou negativa, deve ser interpretada. Devendo assim, o terapeuta ter um papel de educador, uma vez que esse papel não ocorrer, a criança tende a tornar-se compulsão e repetição diante das pressões sofridas.

Anna Freud foi outra grande contribuinte no que se trata de psicoterapia infantil. Entretanto, para ela, o processo deveria percorrer através da psicoeducação. Anna acreditava que a melhor contribuição seria a educativa e de controle adequado dos impulsos. “[...] Portanto, trabalhava apenas com crianças maiores de sete anos focando na interpretação de sonhos e na produção de desenhos da criança”. (Simon, 1986).

Simon (1986) completa ainda dizendo: [...] Anna Freud não acreditava num trabalho propriamente analítico com crianças por estarem em desenvolvimento e desta forma, não realizariam uma verdadeira neurose de transferência; e por estarem ainda bastante permeáveis às influências externas, (principalmente por considerar que o superego se desenvolve lentamente após o Édipo).

Percebe-se que Anna Freud trabalhava com crianças de forma educativa, uma vez que a mesma não acreditava que as crianças poderiam desenvolver transferências, e focava-se apenas nos sonhos e produções pedagógicas destas crianças.

Anna Freud e Klein foram referências predominantes por muitos anos. Mas, ao longo do tempo, as influências de Winnicott começaram a ganhar importância. O autor traz em seus estudos o brincar como algo essencial na psicoterapia com crianças. Abrindo um novo leque de olhares para essa área da psicanálise.

Winnicott (1975) como contribuinte da psicanálise com crianças, teoriza sobre o brincar e a prática clínica. À sua genialidade em termos teóricos também corresponde

grande capacidade de acolhimento e tratamento de crianças, levando para a clínica infantil algo mais que a técnica interpretativa – por valorizar intensamente a espontaneidade e importância da vivência, Winnicott inovou considerando o espaço clínico como uma *metáfora de cuidados maternos* e o brincar como uma capacidade necessária ao terapeuta.

Goldman (1993) sustenta que há muitas semelhanças entre o pensamento de Winnicott e o romantismo. São elas: a importância do indivíduo espontâneo que expressa sua autenticidade; uma valorização da criatividade; uma apreciação da emoção como fonte de saber; a visão do artista como um criador individual, “cujo espírito criativo é mais importante que a estrita aderência às regras formais” (Goldman, 1993: 97) e uma ênfase na imaginação.

Freud (1920/1996), Anna Freud (1971/1987) e Klein (1932/1997) consideraram o brincar como atividade criativa que facilita o aparecimento e organização de algumas características importantes do desenvolvimento infantil, possibilitando a elaboração de outras estruturas mentais (Marans, Mayes & Colonna, 1980).

Apesar de dispor de uma teoria própria sobre esse assunto, Winnicott (1979/1993) concorda com Freud, Anna Freud e Klein em que o brincar reflete e facilita o sentido de autonomia do *self* em relação ao ambiente externo. Para ele, o brincar tem importância, mesmo quando não é interpretado, já que permite que as fantasias inconscientes e os desejos que ele expressa tenham lugar no mundo.

Winnicott (1971/1975) percebe no brincar a possibilidade de comunicação com outro ser humano, um espaço onde a criança pode experimentar e construir a totalidade da sua existência. Uma vez que o processo terapêutico implica na sobreposição de duas áreas de brincar (da criança e do terapeuta).

E sendo a psicanálise uma forma analítica do brincar, ela atualiza as potencialidades do jogo em termos de favorecimento da integração da personalidade, da vinculação criativa com a realidade cultural, da harmonização da ambivalência e do desenvolvimento da capacidade simbólica, levando à comunicação consigo mesmo e com os outros.

Através da análise foi possível perceber que: Freud, embora tenha sido o primeiro a analisar crianças, não se aprofundou nesta linha teórica. Posteriormente, sua filha Anna Freud trás que, o método psicanalítico era inaplicável a infância. Sustentava que a criança era incapaz de organizar a transferência. Surge então Klein que tras em seus marcos

teóricos que a criança tem sim a capacidade de transferência, e que a mesma deve ser interpretada, sendo positiva ou negativa.

Compreende-se que Winnicott, discípulo de Klein, que entretanto decidiu-se por seguir outra visão teórica, aponta em seus trabalhos que mesmo que o brincar não seja analisado e interpretado ele ainda é terapêutico. Uma vez que a criança encontra lugar no mundo para aliviar seus sentimentos.

Diante dos demais autores e estudiosos acima citados, pode-se resultar que, o brincar apresentado por Winnicott, especialmente com crianças, vai muito além de trabalhos pedagógicos e interpretativos. Admite-se sua importância, entretanto é necessário ir muito além.

Desta forma resultamos que ao trabalhar-se com o universo infantil faz-se necessário entender que a criança precisa se descobrir como pessoa de forma livre. Pois é brincando que a criança cria um mundo de significados e seguranças. É no brincar e na sua forma criativa de dar sentido à brincadeira que a criança aos poucos vai se descobrindo como pessoa.

O brincar por si só pode ser terapêutico, como nos aponta Winnicott. A brincadeira é a porta de entrada de um mundo a ser desvendado. E é no brincar junto que a construção desse mundo se solidifica e se fortifica.

Resultamos ainda que o espírito criativo, o desenvolver-se pessoa, é mais importante que a “aderência às regras formais”. Que o brincar vai além de interpretação. E que nas práticas clínicas, muitas vezes a criança necessita apenas ser acolhida diante daquele sofrimento que a angustia. Deve-se tornar assim, o trabalho terapêutico algo leve e aberto a possibilidades de criação e desenvolvimento pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a formação de pensamento do que seria estudado nesta pesquisa, sabíamos que era algo desafiador. Contudo, tínhamos a certeza que seria uma grande fonte de aprendizado e experiências. Foram dias e mais dias, diversos horários e formas de abordagens do tema, mas que se tornou algo enriquecedor.

O presente artigo conseguiu alcançar seu objetivo que era: compreender a importância do brincar para D. W. Winnicott. A revisão sistemática nos mostra diferentes

perspectivas e visão acerca da brincadeira. Encontram-se muitos trabalhos nesta área, porém, existe uma grande dificuldade em encontrar estudos científicos recentes (com menos de cinco anos) o que não impossibilitou o mergulhar na fonte da teoria e encontrar os resultados apresentados.

Estes estudos nos demonstram que existem muitos caminhos a trilhar, bem como necessidades de se colocar em prática aquilo que os estudiosos nos deixaram em seus escritos. Diante disso, vem-se por meio deste, fazer um percurso por meio das diferentes concepções do brincar, para que assim, possamos ‘recordar, repetir e elaborar’ praticas mais centradas na psicoterapia infantil.

Para finalizar, é importante saber que existe uma complexidade por trás do brincar. Com isso, o presente trabalho possui uma relevância que proporcionará um estudo embasado e detalhado acerca do tema proposto e descrito acima. Além de contribuir para todos os profissionais e estudantes em construção, afim de atualizar lhes sobre esta perspectiva e colaborar para uma formação mais pautada de teoria e de qualidade, aberta a todos os campos que por esse tema deseja interessar-se.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. (2007). *A primeira hora do jogo: seu significado*. Psicanalise da criança: teoria e técnica Porto Alegre: Artmed;2007.
- BRETT, K. (1998). D. W. WINNICOTT – *Um retrato biográfico*. Rio de Janeiro: Exodus Editora.
- FREUD, S. *Além do princípio do prazer* (1920). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v.18. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. Obras completas, volume XVIII, Edição Standart Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FULGENCIO, L. (2008). *O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico*. Revista Brasileira de Psicanálise, 42(1), 124-136.
- GOLDMAN, D. (1993). In search of the real: the origins and originality of D. W. Winnicott. London: Jason Aronson.
- KLEIN, M. (1932/1997). *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago.
- KLEIN, M. *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- MARANS, S.; MAYES, L. C. & COLONNA, A. B. (1980). Psychoanalytic views of children's

play. In: Sandler, J. et al. (Org.). *The technique of child psychoanalysis: discussions with Anna Freud* (pp. 29-38). Cambridge: Harvard University Press.

ROZA, S. E. (1993). *O brincar: construindo um conceito*. In *Quando o brincar é dizer: a experiência psicanalítica na infância*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

ROZA, S. E. (1993). *Brincar e linguagem*. In *Quando o brincar é dizer: a experiência psicanalítica na infância*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

ROZA, S. E. (1993). *Brincar e realidade psíquica*. In *Quando o brincar é dizer: a experiência psicanalítica na infância*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

ROZA, S. E. (1993). *O campo de analisabilidade da criança*. In *Quando o brincar é dizer: a experiência psicanalítica na infância*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

ROZA, S. E. (1993). *Brinca e interpretação*. In *Quando o brincar é dizer: a experiência psicanalítica na infância*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SIMON, R. *Introdução à psicanálise: Melanie Klein*. São Paulo: EPU, 1986.

WINNICOTT (1953). *Objetos transicionais e fenômenos transicionais*. In *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Segunda edição deste texto artigo).

WINNICOTT, D. W. (1963/1982). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas.

WINNICOTT (1968). *O brincar. Uma exposição teórica*. In *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT (1971). *O brincar. A atividade criativa e a busca do eu (self)*. In *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT (1971). *O lugar em que vivemos*. In *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT (1971). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT (1971). *Objetos transicionais e fenômenos transicionais*. In *O brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT (1971). *Sonhar, fantasiar e viver*. In *O brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT (1971). *O brincar, cap III*. In *O brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT (1971). *O brincar, cap IV*. In *O brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT, D. W. (1971). *O brincar e a realidade*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT, D. W. (1979/1993). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.